

Os *Bruzundangas*: aplicações de teorias de design ativista na reedição de 100 anos da obra de Lima Barreto¹

Os Bruzundangas: applications of design activism theories in the 100th anniversary edition of Lima Barreto's work

Júlia Mendes Corrêa
Joana Maria Alves da Cruz

Resumo: A edição comemorativa de 100 anos do livro *Os Bruzundangas*, do autor e jornalista Lima Barreto (1881 - 1922), é um projeto desenvolvido como resultado de trabalho de conclusão de curso que busca relacionar aplicações do design ativista em produções editoriais. É discutido e reconhecido o papel do designer em seu meio social, além de estabelecer relações entre discursos temporais e a própria arte literária. A proposta deste projeto consiste no resgate e preservação de importante obra nacional relacionando-a com a contemporaneidade de 100 anos após sua primeira publicação. O resultado demonstrou ser possível propor uma nova leitura crítica a um texto clássico da literatura e adotar uma linguagem gráfica contemporânea a partir do design ativista.

Palavras-chave: design ativista; design editorial; Lima Barreto; literatura brasileira.

Abstract: *The 100th anniversary edition of the book Os Bruzundangas, by the writer and journalist Lima Barreto (1881 - 1922), it's a work developed as result of an academic project that seeks to relate the applications of design activism in editorial productions. It's discussed e recognized the role of the designer in your social environment, in addition to establishing relationships between temporal discourses and literary art itself. The proposal of this project consists in the rescue and preservation of this important national work relating it to the contemporaneity of the 100 years after its first publication. The result demonstrated that it is possible to propose a new critical reading of a classic text of literature and to adopt a contemporary graphic language based on activist design.*

Keywords: *activist design; editorial design; Lima Barreto; brazilian literature.*

¹ O presente projeto foi elaborado para o Trabalho de Conclusão de Curso de Design Gráfico da Escola de Design da UEMG pela aluna Júlia Mendes Corrêa sob a orientação da professora Joana Maria Alves da Cruz, no ano de 2022. O projeto foi premiado com uma Medalha de Bronze do *Brasil Design Awards de 2022*, na categoria de Estudante de Design Gráfico, além de ter sido finalista no *Prêmio Bornancini de Design* de 2022 na categoria de projeto de Design Editorial - Estudante.

Introdução

Os Bruzundangas é um livro composto por um conjunto de crônicas ficcionais, independentes entre si, que possuem uma narrativa de um diário de viagem de um viajante brasileiro que fora passar uns tempos em um país chamado Bruzundanga, que na realidade, não passa de um retrato fidedigno da própria realidade do Brasil. É através da ficção que Lima Barreto faz denúncias de uma sociedade que “lutava num ambiente de colapso do modelo escravocrata”, como apontam Assis e Carneiro (2019).

Lima Barreto era um homem negro que possuiu a oportunidade de adentrar espaços exclusivamente brancos, como a faculdade, e dada a sua época, espaços que eram reconhecidos pela sociedade como não pertencentes a pessoas negras. A principal característica das produções de Lima Barreto é o seu teor militante e ativista, denunciando as mazelas sociais do Brasil durante o início da Primeira República (1889 - 1930) como o racismo, a opressão de classe e os comportamentos fúteis da elite em uma sociedade de bases patriarcais e escravocratas.

Assim como a literatura, a essência do design editorial conta como uma das principais características: o resgate e a preservação do conhecimento, da memória histórica e cultural de uma dada sociedade. O design ainda contribui no estabelecimento de relações e percepções entre pessoas, objetos e o meio em que estão inseridos. Percebendo essa extensão, o Design Ativismo vem como uma ferramenta que estabelece diálogos, criando condições de ações para mudanças (BJÖRGVINSSON, 2010, *apud* SERPA; JULIANO; ANASTASSAKIS, 2018) que propõem uma atuação menos técnica e mais voltada às necessidades sociais (ALBUQUERQUE, 2018).

Problema

Em 2022 completa-se 100 anos desde a primeira publicação de *Os Bruzundangas*, e por mais que se tenham passado todos esses anos, o cenário descrito na obra permanece praticamente intacto, senão com poucas mudanças, no Brasil de hoje. Ainda que retratando um país fictício, a Bruzundanga é uma crítica direta aos hábitos, costumes, sociedade, cultura, modelos administrativos e governamentais do Brasil. Apesar dos 100 anos da sua publicação, ainda enfrentamos graves problemas de desigualdade social, racismo, forte pobreza, fome, grande exploração material e humana, falta de liderança governamental e de políticas públicas eficazes.

Estes reflexos de uma sociedade com bases escravocratas foi muito sentido por Lima Barreto em vida e possui seus grandes resquícios no Brasil de hoje. O país é considerado como um dos países mais desiguais do mundo, com os 10% mais ricos ganhando quase que 59% da renda nacional, como consta no Relatório sobre as Desigualdades Mundiais (2021), somando as marcas profundas na realidade de pessoas pretas, pois, de acordo com o IBGE (2019), 75% das pessoas que vivem em situação de pobreza são negras, assim como os 64% dos desempregados do país.

Proposta

O projeto possui o objetivo de resgate da obra *Os Bruzundangas* após 100 anos desde sua primeira publicação, de forma a criar incentivo ao pensamento crítico por meio da integração entre obra literária e projeto gráfico editorial, apoiados por teorias de Design Ativista, estas com a função de direcionar conceitualmente o projeto a ponto de correlacionar os cenários sociopolíticos entre os contextos de 1922 e 2022.

De acordo com Le Goff (2013, p. 437 *apud* LARA, 2016, p. 2): “A memória, a qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”. A partir dessa constatação de Le Goff, é proposto neste projeto um resgate histórico e cultural da memória, a fim de construir uma profunda relação entre passado e presente, possibilitando uma construção de futuro consciente com fortes laços identitários.

Utilizando-se das premissas do design editorial como meio de trabalho de documentação, o qual registra e preserva ideias, conhecimento e memória, além da característica de alta reprodutividade, que possibilita a transmissão de conhecimento que supera as distâncias geográficas e temporais, como nos diz Haslam (2007), o projeto em questão propõe o resgate da literatura militante de Lima Barreto por meio da obra *Os Bruzundangas* como meio de preservação da memória, cultura, identidade e história do Brasil, além de sustentar teorias de Design Ativismo, compreendendo a área do design como meio de estender sentidos e conceitos da própria literatura e seu discurso, sugerindo (re)interpretações para além da linguagem verbal, e ainda, contribuindo para a construção crítica, política e social do leitor.

Lima Barreto percebia e tinha consciência da responsabilidade dos escritores na sociedade, pois, de acordo com Assis (2008), o autor tinha o ideal de produzir uma literatura voltada para o povo e com dever cidadão.

Além da responsabilidade do próprio escritor para com seu tempo e sua realidade, existe também a responsabilidade do designer enquanto profissional e cidadão. Como observam Junior, Moura e Guimarães (2020), o design contemporâneo compreende-se como uma ação de práticas a favor do exercício da cidadania que refletem o contexto do tempo atual.

Desde a época da Revolução Industrial o designer já era percebido com a responsabilidade social de exercício da reafirmação ou contestação de valores e percepções sociais e culturais de uma sociedade ou grupo. Foi por meio do *Arts and Crafts*, primeiro grande movimento de design, que Williams Morris fundamentou ideias sobre a função social e cultural do designer como meio de “melhorar as condições de trabalho da classe operária e educar o sentido estético do povo” (MACKAIL, 1975 *apud* ALBUQUERQUE, 2018, p. 18-19).

De acordo com Serpa, Juliano e Anastassakis (2008), o design possibilita o desafio de forças dominantes, estabelecendo novos diálogos e criando condições para mudanças. Com isso, o Design Ativismo se encontra exprimindo “outras possibilidades além daquelas que já existem com o objetivo de provocar mudanças e transformações sociais” (FUAD-LUKE, 2009, p. 27).

Metodologia

A metodologia do projeto foi dividida em quatro fases: imersão, exploração, criação e implementação. Na fase de imersão foram feitas pesquisas dos temas abordados por meio de conteúdos textuais e visuais, com construções de painéis semânticos. Já na fase de exploração foram utilizadas ferramentas para auxiliar o processo de exploração de ideias, como: *brainstorming*, mapa conceitual, *moodboards* e pesquisa inicial de materiais e processos de produção. Na fase de criação, inicialmente foi definido o conceito do projeto para que pudesse guiar todas as tomadas de decisões, propostas e gerações de alternativas seguintes. Para a geração de alternativas, foram feitos estudos de formatos e suportes, estudos de tipografias e mancha gráfica, além do esqueleto inicial do livro, para que pudesse indicar o volume de conteúdo e a complexidade das próximas produções.

Concomitantemente, houve um estudo para a identidade visual em que foi possível experimentar cores e formas, assim como pesquisa de materiais gráficos e suportes para impressão. Ao final da etapa foi possível definir a identidade, formatos, materiais e começar a diagramação de fato do conteúdo.

A próxima etapa foi de diagramação e, para validação do projeto, foram concentrados estudos e testes de impressão em um livreto modelo. Dessa forma, essa fase contou com o começo da etapa de implementação, contendo os testes de impressão em baixa fidelidade primeiro e prosseguindo até chegar na impressão final do projeto.

Desenvolvimento

A pesquisa contou com busca de conteúdos textuais e visuais de estilos com temas como: design editorial, design ativista, o papel social do designer, além de pesquisas sobre a obra *Os Bruzundangas*, a biografia e o trabalho de Lima Barreto e história e contexto do Brasil na época em que a obra é retratada. Foram também pesquisadas expressões visuais de design ativista em produções gráficas de grupos como o movimento do *Atelier Populaire*, *Chicago Women's Graphic Collective* e *The Black Panther Party*, assim como movimentos e produções brasileiras, como as de Rogério Duarte, Hélio Oiticica e Glauber Rocha.

Nesta etapa foi possível concluir que a arte de rua é uma das principais expressões artísticas ativistas, além de ser a rua o maior meio de disseminação dessas ideias. Normalmente, os projetos são voltados para a produção em massa, permitindo o acesso e a divulgação em larga escala. Talvez por isso, muitas das técnicas e composições visuais utilizadas previam o barateamento do processo, resultando em cartazes monocromáticos, ou com poucas cores, que contavam com imagens e ilustrações de silhuetas com poucos detalhes. As tipografias normalmente eram empregadas em caixa alta, sem serifas e com estilo condensado. Tais características favoreciam uma boa leitura a longas distâncias, proporcionando um resultado com grande impacto visual, além de propiciar a utilização de conteúdos relativamente extensos.

Podemos perceber que, até mesmo nos meios digitais, as produções voltadas para o caráter ativista possuem efeitos que remetem aos processos analógicos, como o efeito de ruído. Esse resgate faz com que as peças tomem expressividade e características únicas.

O conceito

O conceito adotado para o projeto foi resumido em uma frase: “1922 > 2022: desordem e caos”, fazendo menção à frase da bandeira do Brasil. A ideia principal é que o livro consiga transmitir o choque de contextos do Brasil entre o período de 1922 e o período atual de 2022, mas a principal intenção é que esses contextos possam se relacionar e não conflitarem entre si, unindo o contemporâneo de 2022 ao clássico de 1922 sem brigas, intrigas, mas convivendo juntos e se inter-relacionando. É a forma de expressar o passado para construir um futuro mais próspero. O contemporâneo que abraça o antigo e que se reinventam juntos, como já dizia Edmund Burke: “um povo que não conhece a sua história está fadado a repeti-la”.

O projeto

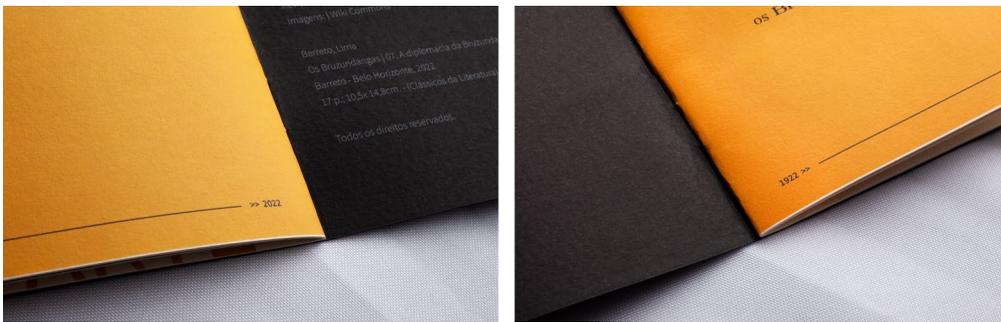
A inter-relação e a convivência mútua entre os contextos de 1922 e de 2022 se fazem presentes dentro do projeto de forma gráfica, unindo tipografias clássicas e modernas em um mesmo espaço sem geração de conflitos. Essa referência também se dá pelas cores predominantes do projeto: azul, verde e amarelo, que fazem relação direta à bandeira do Brasil, mas que, no caso do projeto, são cores trazidas para tons mais vívidos e vibrantes que se distanciam do clássico da bandeira, trazendo a estética contemporânea de 2022. O preto aparece como complemento, trazendo força e seriedade, características de muitas produções ativistas.

Uma palavra-chave definida para as tomadas de decisões do projeto foi *heterogeneidade*. Palavra esta que muito representa a multiplicidade de formas, corpos, pessoas e culturas que temos no Brasil. Essa heterogeneidade é traduzida no âmbito do projeto por meio da disposição de três formatos distintos de livretos (Figura 1): 14,8 x 21 cm (formato A5), 10,5 x 14,8 cm (formato A6 na vertical) e 14,8 x 10,5 cm (formato A6 na horizontal), contando ainda com o prefácio em versão *zine*, que, em seu verso, possui um cartaz com a imagem de Lima Barreto. Ainda se fazem presentes diversas tipografias, entre elas: neoclássica para o corpo de texto, romântica para os títulos e modernistas geométricas para as frases sobrepostas e textos incorporados na narrativa.



Figura 1: Livretos propostos
Fonte: das autoras

Já nos títulos dos livretos foi utilizada uma tipografia alterada manualmente para a disposição de alguns tipos maiúsculos estendidos, causando o efeito da heterogeneidade, conceito que também é reforçado na folha de rosto, que possui o título com a mesma tipografia, mas sem intervenção e na versão minúscula. Assim, além de atingir o conceito, é também dado ritmo ao projeto gráfico. O nome do livro, *Os Bruzundangas*, aparece com o detalhe do BR destacado com peso *ExtraBold* fazendo referência à abreviação de Brasil (BR), confirmando a ideia de que mesmo que seja a descrição de um país fictício, ainda assim é um retrato e referência direta ao Brasil.



Figuras 2 e 3:
Folha de rosto e verso
com indicações de
1922 > 2022
Fonte: das autoras

A heterogeneidade também se faz presente no posicionamento dos fólhos, sendo eles localizados em posições opostas dentro das páginas: os das páginas pares se posicionam alinhados ao topo da caixa de texto, e os das páginas ímpares se posicionam alinhados à parte de baixo da caixa de texto, como mostram as Figuras 2 e 3. Um detalhe que também foi colocado nos fólhos é a presença de um ícone de um losango com um círculo no meio, fazendo referência à bandeira do Brasil.

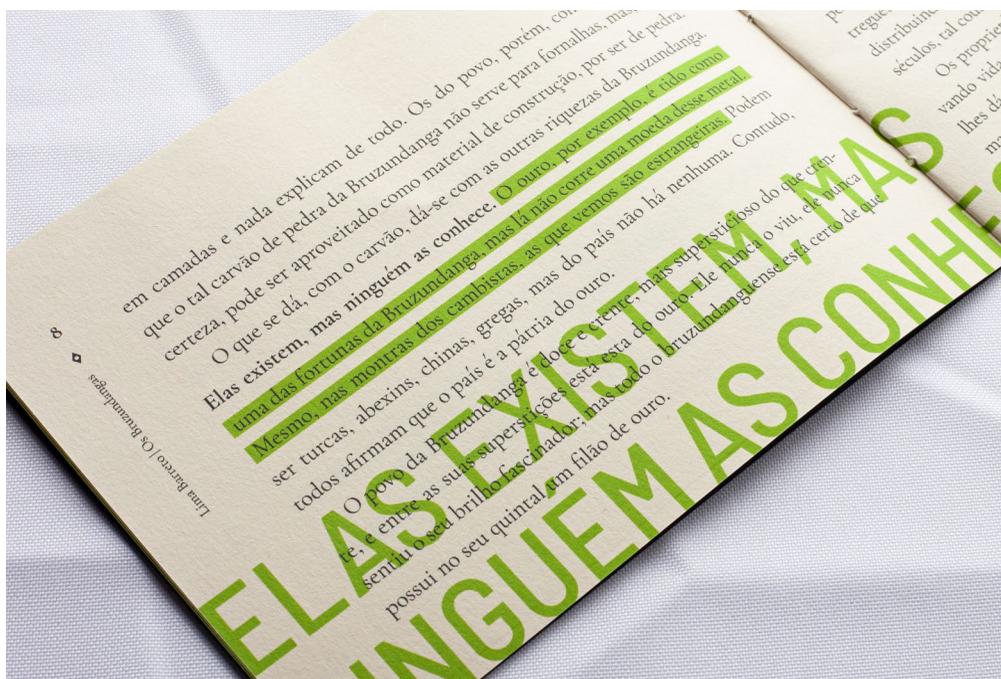


Figura 4: Conteúdo
interno do livreto “Um
grande financeiro”
Fonte: das autoras

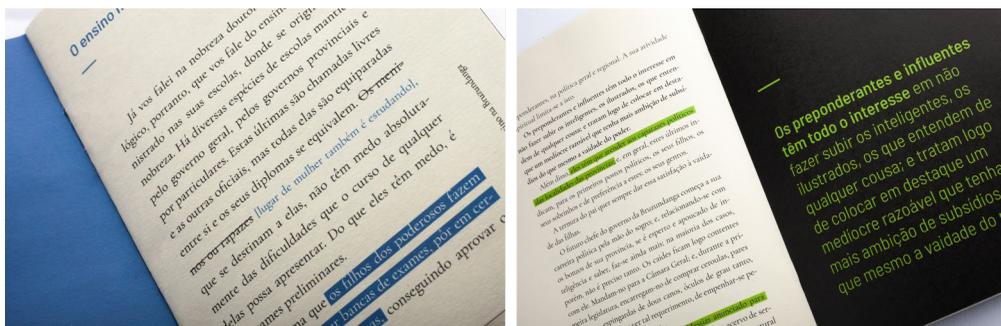
Para o *grid* foi proposta uma mancha gráfica que pudesse ser elegante e que passasse sentimentos de valorização e reconhecimento da obra. Dessa forma, optou-se pela construção de um *grid* com margens largas, principalmente as externas. Foi aproveitado o espaço vertical da página com a disposição dos fólhos nas laterais. (Figura 4)

Em referência às expressões ativistas, foram utilizados efeitos de granulação e ruídos na imagem do cartaz, retomando a ideia do analógico que muitas dessas peças possuem, além da utilização de cores chapadas como uma referência aos cartazes que previam barateamento do processo. Frases impactantes são dispostas em grande tamanho, com uma tipografia *medium*, condensada e sem serifa, sobrepostas aos textos e sutilmente vazadas nas laterais externas das páginas, fazendo referência aos cartazes de protestos. Essas frases são destacadas também no corpo

do texto, com a variação do peso da tipografia em *semibold*, para que possam ser facilmente localizadas ao longo do texto.

Como meio ativista, a ideia do projeto é que o livro, formado por crônicas independentes entre si, seja dividido em livretos: cada capítulo, um livreto. Dessa forma, incentiva-se o compartilhamento dos livretos entre outras pessoas com a intenção de democratizar e ampliar o acesso à obra e a sua reedição.

Não podemos ignorar também que se trata de um texto com já 100 anos e que, por mais desconstrutiva que seja, ela ainda assim carrega preceitos e preconceitos não mais admitidos em 2022. Assim, trazendo os conceitos aplicados de design ativista, são feitas intervenções diretas no texto quando há alguma passagem preconceituosa ou discriminatória, sendo sugerida, logo depois, palavra ou expressão que possa ser substituída.



Figuras 5 e 6: Indicação de outra expressão e evitando termos discriminatórios e com as intervenções internas.
Fonte: das autoras

Os livretos contam também com indicações diretas de momentos em que a realidade tratada de 1922 se assemelha com a de 2022. Esses trechos são marcados pelas tarjas coloridas que se sobrepõem ao texto. Essa estratégia visual foi utilizada para trazer meios tangíveis para a leitura crítica da obra.



Figura 7: Parte interna do livreto com intervenções. Destaque para o tipo de acabamento de encadernação em grampo.
Fonte: das autoras

Formato, impressão e acabamentos

Os livretos possuem as páginas do miolo impressas em papel pólen *bold* 90 g/m² e a capa com o papel vergê Onix 220 g/m². O papel pólen *bold* vem com o objetivo de melhorar o contraste de leitura, visto que o papel amarelado, em contraste ao texto em preto, não causa cansaço como acontece com papéis com alta alvura. A gramatura é maior para criar mais resistência, assim como a capa em 220 g/m², para manter o objetivo do projeto, o de compartilhamento de uso.

Em termos de acabamento, os livretos possuem refile, dobra e encadernação a grampo, que, além de baratear a produção, é o método indicado para o volume de folhas dos livretos, que não ultrapassam 32 páginas. O grampo ainda possibilita uma maior abertura do caderno (Figura 7), o que não prejudica na leitura e visibilidade das frases sobrepostas que extrapolam as páginas espelhadas.

Algumas capas dos livretos possuem recortes vazados com algumas formas geométricas da bandeira do Brasil: o círculo e o losango, sendo possível associar indiretamente à bandeira, assim como as cores sobrepostas: amarelo e verde. Desse modo, podemos alcançar o desenho da bandeira sem uma associação literal direta. É uma maneira de consolidar visualmente a estratégia textual de Lima Barreto, a de mencionar o Brasil sem mencioná-lo diretamente.

Para a reunião dos livretos em um conjunto, para facilitar seu transporte, embalagem e proteção do conteúdo, os formatos foram pensados em uma disposição que possibilitasse um encaixe entre si. Os livros são reunidos por uma cinta de papel vegetal com a impressão do título da obra e seu autor, como mostra a Figura 8. Os formatos variam entre A5, A6 horizontal e A6 vertical, além de ter o prefácio em versão *zine* (Figura 9) com o verso em pôster com a imagem de Lima Barreto, com o objetivo de valorizar a sua contribuição à literatura nacional, como na Figura 10.



Figura 8: Livretos reunidos por uma cinta em papel vegetal
Fonte: das autoras



Figura 9: Prefácio em formato de zine
Fonte: das autoras

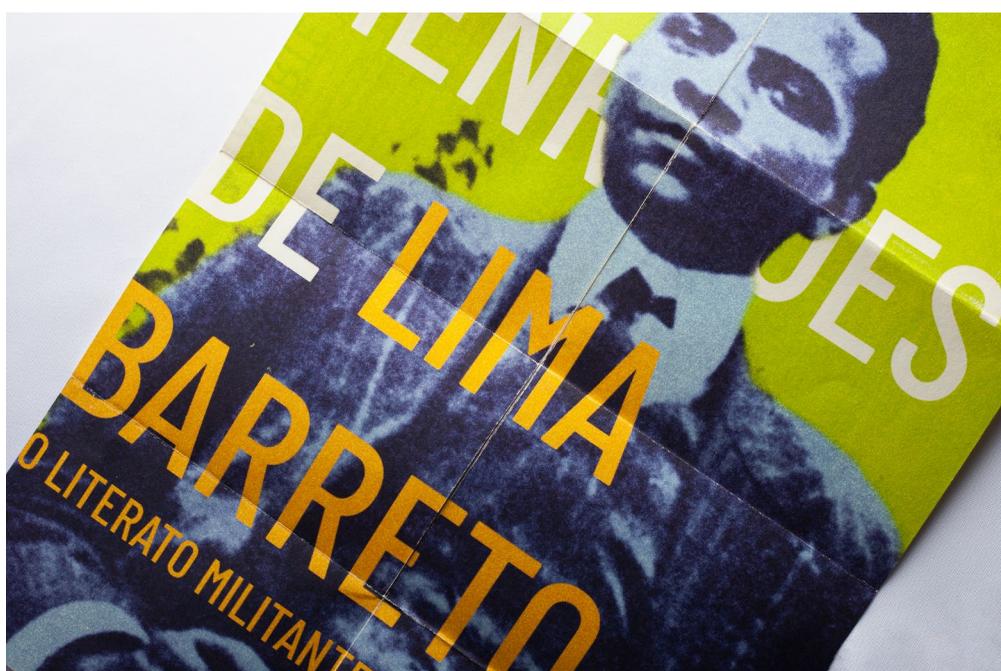


Figura 10: Cartaz de Lima Barreto no verso do prefácio em formato de zine.
Fonte: das autoras

Considerações finais

O desenvolvimento do projeto permitiu compreender o lugar do design em estabelecer relações e percepções entre pessoas, objetos e o meio o qual estão inseridos. A partir da criação de uma linguagem gráfica, que se comunica e complementa com uma nova narrativa à obra analisada, o projeto parte de um objetivo de potencializar uma leitura crítica e direcionada acerca do assunto proposto: o de estabelecer comparativos dos contextos descritos na obra entre o tempo a qual foi criada, no início do século XX, ao tempo atual, mais de 100 anos após sua publicação.

A partir das referências de design ativista, o projeto se dá a liberdade de reeditar sentidos da obra ao contestar ou complementar o autor em suas colocações. Essa prática nos faz questionar até que ponto um texto clássico pode ser interferido pela reedição, seja na escrita do texto ou na proposta visual. Entende-se que essas intervenções trazem um lado positivo da reedição e propondo que a obra seja revivida no momento presente com uma linguagem contemporânea. O projeto cumpre com a proposta de resgate histórico e cultural por permitir ao leitor uma nova interpretação do texto ao propor a importância da obra não somente em seu tempo, mas também na atualidade.

Referências

- ALBUQUERQUE, Elisabete Maria de. **Design gráfico em tempos de ativismo**. 2018. 132 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2018.
- ASSIS Lúcia Maria de; CARNEIRO, André Rocha. O Brasil na República da Bruzundanga: uma discussão sobre língua, identidade e cidadania. **Revista EntreLetras**, Araguaína, v. 10, n. 2, jul./dez 2019. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/7518/15972>. Acesso em: 01 nov. 2021.
- ASSIS, Lúcia Maria de. **Lima Barreto: língua, identidade e cidadania**. 2008. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-27112009-095056/pt-br.php>. Acesso em: 01 nov. 2021.
- BARRETO, Lima. **Os Bruzundangas**. Jandira: Principis, 2021.
- BEZERRA, Afonso. A literatura militante de Lima Barreto: para o autor a literatura tinha uma missão e talvez por isso ele tenha vivido um isolamento artístico. *In: Brasil de fato*. Recife, 28 de nov. de 2018. Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2018/11/28/a-literatura-militante-de-lima-barreto>. Acesso em: 13 de dez. de 2021.
- FLORÊNCIO, Roberto Remígio; LEITE, Vlader Nobre; Carlos Alberto Batista dos. Da atualidade de Os Bruzundangas (e a escola moderna). **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 42, e51644, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/51644/751375150341>. Acesso em: 01 nov. 2021.
- HASLAM, Andrew. **O livro e o designer II: como criar e produzir livros**. São Paulo: Rosari, 2007.
- JUNIOR, José Carlos Magro; MOURA, Mônica Cristina de; GUIMARÃES, Márcio James Soares. Design ativismo como prática cidadã contemporânea *In: Anais do Colóquio Internacional de design*. 2020. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/cid2020/36.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2021.
- LARA, Camila. A importância da memória para a construção da identidade: o caso da Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição de Dourados/MS. *In: Anais... XIII Encontro Regional de História - História e democracia: possibilidades do saber histórico*, 08 a 11 de nov. De 2016. Coxim-MS. Disponível em: https://www.encontro2016.ms.anpuh.org/resources/anais/47/1477593926_ARQUIVO.
- MARGOLIN, Víctor. O Designer cidadão. **Revista Design em Foco**, v. III n.2, jul./dez 2006. Salvador, EDUNEB, 2006, p. 145-150. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/661/66111515011.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2021.
- MATEI, Maria Helena Corrêa da Silva. **A ironia, a pressuposição e o subentendido em Os Bruzundangas, de Lima Barreto**. 2019. 106 f. Dissertação (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/22029/2/Maria%20Helena%20Corr%c3%aaa%20da%20Silva%20Matei.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2021.
- MATTAR, Luciana Lischewski; BRAGA, Marcos da Costa. Editorial independente contemporâneo: analisando o design de quatro livros paulistanos, p. 99-111. **Anais do 9º CIDI | Congresso Internacional de Design da Informação, edição 2019 e do 9º CONGIC | Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação**. São Paulo: Blucher, 2019. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/editorial-independente-contemporaneo-analisando-o-design-de-quatro-livros-paulistanos-33607>. Acesso em: 07 nov. 2021.
- NASCIMENTO, Renato Modeneze; GODOY, Lilian Florêncio. Permanências das implicâncias de Lima Barreto em Os Bruzundangas. **Anais... ANPUH-Brasil - 30º Simpósio Nacional de História**. Recife, 2019. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1563924981_ARQUIVO_TRAB.COMPLETOANPUHRENATOMNASCIMENTO.pdf. Acesso em: 01 nov. 2021.

QUEIROZ, André Vieira; VILLAS-BOAS, André. Design visual, hegemonia e ativismo. **Anais...** Colóquio Internacional de design. 2020. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/cid2020/53.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2021.

RIBEIRO, Christian. **Lima Barreto, a escrita de um eterno indignado!** Portal Geledés. 30 de mai. de 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/lima-barreto-a-escrita-de--um-eterno-indignado/>. Acesso em: 13 de dez. de 2021.

SERPA, Bibiana; JULIANO, Clara; ANASTASSAKIS, Zoy. Design Anthropology e Design Ativismo: investigando métodos situados. **Anais...** 13º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, Univille. Joinville, 2018. Disponível em: http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/ped2018/3.2_ACO_09.pdf. Acesso em: 01 nov. 2021.

ZUGLIANI, Jorge Otávio; MOURA, Mônica Cristina de. O objeto editorial contemporâneo: transdisciplinaridade, cultura e consumo nas publicações independentes, p. 137-149. *In: Anais do 9º CIDI | Congresso Internacional de Design da Informação, edição 2019 e do 9º CONGIC | Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação.* São Paulo: Blucher, 2019. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/o-objeto-editorial-contemporaneo-transdisciplinaridade-cultura-e-consumo-nas-publicaes-independentes-33611>. Acesso em: 07 nov. 2021.

Sobre as autoras

Júlia Mendes Corrêa é graduada em Design Gráfico pela Escola de Design, Universidade do Estado de Minas Gerais, em 2021.

E-mail: julia.mcorreia@gmail.com

Joana Maria Alves da Cruz é graduada em Programação Visual (2000) pela UEMG, Especialista em Gestão do Design nas Micro e Pequenas Empresas e Mestranda em Design pelo PPGD. Sócia-proprietária da Muquito Design e designer produtora gráfica na OESTE Design.

Atua como docente na Escola de Design no curso de Design Gráfico, orienta de projetos de pesquisa e extensão no Laboratório de Design Gráfico - LDG. Possui projetos publicados no Anuário do Clube de Criação de Minas Gerais (2004 e 2005), nos Catálogos da Bienal Brasileira de Design, promovida pela Associação de Designers Gráficos do Brasil (2014 e 2017) e premiados internacionalmente no iF Design Awards (2017), no Red Dot Communication Design (2016) e no Prêmio Lusófonos de Criatividade (2016/2017, 2018/2019 e 2022/2023).

E-mail: joana.cruz@uemg.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7214517406168222>

Recebido em: 31 de outubro de 2022

Aprovado em 28 de maio de 2023